

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL**

**MARCELA DE ARRUDA GOMES**

**VIVER, CONVIVER E APRENDER A SER...**

**Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos**

**MATINHOS  
2016**

**MARCELA DE ARRUDA GOMES**

## **VIVER, CONVIVER E APRENDER A SER...**

**Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização apresentado para obtenção do título de Especialista em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dra Lenir Maristela Silva

**CURITIBA  
2016**

## PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

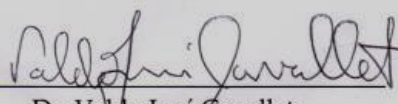
Os membros da Banca Examinadora designada pela orientadora Professora Dra. Lenir Maristela Silva, realizaram em 04 de novembro de 2016 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Marcela de Arruda Gomes**, sob o título "*VIVER, CONVIVER E APRENDER A SER... Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos*", sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo recebido conceito "APL".

Matinhos, 04 de novembro de 2016.



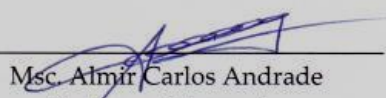
---

Dra. Lenir Maristela Silva  
Professora Orientadora



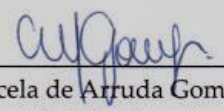
---

Dr. Valdo José Cavallet  
Professor Integrante



---

Msc. Almir Carlos Andrade  
Professor Integrante



---

Marcela de Arruda Gomes  
Estudante

**Conceitos de aprovação**  
APL = Aprendizagem Plena  
AS = Aprendizagem Suficiente

**Conceitos de reprovação**  
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente  
AI = Aprendizagem Insuficiente

**OBSERVAÇÃO:**

CASO O(A) ESTUDANTE SEJA ORIENTADO(A) A REFORMULAR SEU TRABALHO, DEVE-SE REGISTRAR NO VERSO OS REQUISITOS APONTADOS PELA BANCA PARA O ACEITE FINAL DO TRABALHO.



## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho a Deus, a minha família, aos amigos que conheci durante este período de especialização e aos mediadores Valdo e Lenir.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente quero agradecer a DEUS que é à base e sustentação da minha vida.

Ao entendimento para uma nova construção, que se deu a partir dos encontros com o mediador Valdo, que de maneira abstrata me fez olhar os estudos com outra vertente, me fez crescer. Agradeço a grandiosidade que trouxe para minha vida.

A Lenir que de forma carinhosa me acolheu nos últimos minutos do segundo tempo, e acreditou que seria possível alguma construção. Pois o seu olhar trouxe estrutura para o desenvolvimento deste estudo.

Ao meu pai Ronaldo meu exemplo de vida, que sempre apoia minha caminhada de conhecimento e estudos.

A minha mãe que de maneira especial, segurou as pontas para que eu frequentasse e comparecesse neste período de especialização.

Por fim, agradeço a familiares e amigos que me apoiaram e acreditam no meu trabalho e amor pela profissão.

## RESUMO

**RESUMO:** Na abordagem acerca do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos venho apresentar contexto de convivência com o próximo e seu impacto social na vida das famílias, além de pontuar quais as políticas públicas que subsidiam esta realidade. Este trabalho reafirmou a importância dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para a excelência das ações voltadas para esse segmento em todas as áreas da sua vida social. Na busca dos princípios basilares da boa aplicação da legislação na vida diária das famílias, para alcançar o pleno direito e conscientizá-los de seus direitos e deveres. Concluindo-se que o sistema de garantia de direitos é propiciador da criação e desenvolvimento dos instrumentos e mecanismos efetivos aptos à sua aplicação prática. A fonte de pesquisa foi maior na observação direta das crianças e suas famílias. Segundo a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos é um serviço realizado com grupos, organizado de modo a prevenir as situações de risco social, ampliar trocas culturais e de vivências, desenvolver o sentimento de pertença e de identidade, fortalecer vínculos e incentivar a socialização e a convivência comunitária. Possui caráter preventivo, pautado na defesa dos direitos e desenvolvimento das capacidades e potencialidades de cada indivíduo, prevenindo situações de vulnerabilidade social. Trata-se de um Serviço da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fortalecimento, Vínculos, Convivência, Direito. Respeito. Sociabilidade. Assistência Social.

## ABSTRACT

**SUMMARY:** In Approach About Coexistence Service and Strengthening Linkages I've been living present context with the Next and Its social impact on the lives of families, in addition to scoring as What Public Policy que this subsidize Reality. This work has reaffirmed the importance of Living Services and Strengthening Linkages For Excellence Shares aimed paragraph This segment in all areas as the HIS social life. In search of the fundamental principles of the Good Law Enforcement in the daily life of families, paragraph achieve full rights and making them aware of their rights and duties. Concluding That the Rights Guarantee System and enabler of Creation and Development of Instruments and able effective MECHANISMS YOUR Practical Application. A source Survey was Increased in Direct Observation of Children and Their Families. According to the National Service Criminalization social assistance, the Living Service and Linkages Strengthening and One Service Performed with groups Mode Organized one Prevention and social risk situations, expand Cultural Exchange and Experiences, developing the Sense of belonging and identity, strengthening Linkages and encourage Socialization and Community coexistence. It has preventive character, based on the Defense of Rights and Capacity Development and potential of each individual, preventing social vulnerability situations. It is hum Service of Social Protection Basic Single Social Assistance System.

**KEYWORDS:** Strengthening, Linkages, Coexistence, law. Respect. Sociability. Social assistance.

## SUMÁRIO

### Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1 Metodologia do estudo.....	11
<b>2. VIVER- A importância da convivência com o próximo na minha trajetória de vida</b> .....	12
<b>3. CONVIVER ... UMA POLITICA, UM DIREITO: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – fundamentação</b> .....	18
<b>4. APRENDER A SER - EU, VOCÊ, ELE, NÓS... No Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – TRANSFORMAÇÃO SOCIAL</b> .....	23
4.1 Análise de dados das rodas de conversa com crianças .....	24
4.2 Análise de dados da roda de conversa em grupo.....	29
4.3 Análise de conteúdo.....	31
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	34
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	37

## EPÍGRAFE

*“Tudo o que um sonho precisa para ser realizado  
é alguém que acredite que ele possa ser realizado”*

Roberto Shinyashiki

## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo partiu de uma auto reflexão da minha própria história de vida, ao avaliar minha caminhada, surgiu o interesse de pontuar o quanto importante a convivência com o próximo foi na minha história, assim a pesquisa de observação se deu sobre o meu trabalho de Assistente social, mais especificamente no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para crianças, localizado no bairro Cajuru, Curitiba/PR, em uma Associação do terceiro setor. Eu procurei verificar nesse estudo qual a importância que a convivência dos familiares e outros agentes sociais tem com a criança em condições de desenvolvimento e vulnerabilidade social.

Esta pesquisa é de grande relevância para a comunidade e para a política de Assistência Social, já que é um campo pouco pesquisado. Toda a minha atuação profissional se deu no âmbito da saúde, mas descobri uma paixão através do trabalho com crianças em processo de desenvolvimento. Tomei conhecimento dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para crianças. Existem muitas questões interessantes dentro deste contexto de Serviço de Convivência, como aquelas pertinentes à educação, principalmente, as questões relacionadas aos problemas de aprendizagem, para as quais, muitos teóricos trazem contribuições que, sob vários aspectos, podem ser consideradas contribuições inestimáveis. Contudo, o meu **objetivo principal** aqui foi explicitar algumas especificidades do aprender, a partir de uma inclusão social, a partir da convivência com o próximo, sejam eles familiares ou outros sujeitos presentes no cotidiano da vida das crianças nessas condições.

Para conhecer as histórias de vidas e a importância desta convivência em comunidade busquei: a) Correlacionar a importância da convivência com o próximo na minha própria trajetória de vida; b) Apresentar a política pública que atende a realidade de Convivência e Fortalecimento de Vínculos; c) Identificar a influência do Serviço Convivência e Fortalecimento de Vínculos na história de vida da comunidade local, com foco nas crianças.

Assim foram desenvolvidos três capítulos. No primeiro capítulo faço uma auto reflexão do meu contexto histórico, com intuito de partilhar minha história de vida, pontuando qual foi a influência da convivência com o próximo na minha trajetória e formação humana. No segundo capítulo apresento uma breve

contextualização acerca da Política de Assistência Social, pontuando o programa que atende o público envolvido nos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Finalizando, no terceiro capítulo busco pontuar aspectos relevantes da convivência nas histórias de vidas das crianças na relação com a sua família que favoreça a sua aprendizagem.

## **1.1 METODOLOGIA DO ESTUDO**

Este estudo será em forma de memorial, bibliográfico, com coleta de dados e de natureza qualitativa, alguns problemas de pesquisa requerem uma abordagem mais flexível, e nestas circunstâncias a aplicação de técnicas qualitativas é recomendada. Através da pesquisa qualitativa podem-se trabalhar as particularidades dos sujeitos, possibilitando uma abrangência de conhecimentos sobre a realidade em que os sujeitos vivem facilitando assim melhor compreensão para conseguir resolver o problema dos indivíduos num contexto geral. (SAMPSON, 1991). A pesquisa qualitativa com caráter exploratório, pois estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Como instrumento de coleta de dados para a pesquisa qualitativa será utilizada entrevista semi-estruturada, que segundo Cervo e Bervian (1996) é muito empregada pelos pesquisadores, essa técnica é utilizada sempre que os dados são encontrados em registros e fontes documentais, podendo ser facilmente obtidos por meio de contatos pessoais, e também deixar o público alvo a vontade para expressar suas realidades. Será realizado grupos de encontros, ou seja, rodas de conversa. As 120 crianças inscritas no SCFV serão convidadas junto a suas famílias a participarem desta roda de conversa, que além da coleta de dados para a pesquisa, tem o intuito de trabalhar a interação familiar e comunitária. Nesta roda de conversa o tema transversal será “Vida e Convivência para a aprendizagem” e os convidados ficaram a vontade para expressar seus relatos.

A análise de dados será interpretada a partir da técnica da análise de conteúdo, a qual nos trará maior compreensão em relação à questão social abordada.

## **2. VIVER- A importância da convivência com o próximo na minha trajetória de vida.**

A princípio este trabalho tinha a intenção apenas de analisar e avaliar um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Crianças, mas a vida ensina além do que podemos imaginar. Para falar de histórias de vidas, primeiro é necessário uma auto avaliação da nossa própria vida. Num primeiro momento eu me conheço, depois eu identifico o porquê é necessário eu avaliar histórias de vidas de terceiros. Arrisco afirmar que a vivencia vem seguindo de questionamento, questionamentos que vem da alma. Foi então que surgiu as primeiras perguntas intimamente: Como o meu cuidar, o meu ser pode alterar uma injustiça no mundo? Como transmitir o conhecimento da minha realidade na vulnerabilidade da sociedade? Como eu me intensifico e como me descubro para este ritmo de vida que tenho hoje? Como eu rompo com a alienação ou com a mediação? Como me satisfazer com aquilo que não posso ter? Todas estas questões é uma busca na tentativa de dar sentido a experiência de vida.

Parar e refletir sobre os meus 26 anos de caminhada, foi mais difícil do que pude imaginar. Existia uma resistência interna, que não aceita analisar ou auto refletir a minha própria existência. Dentro dos conceitos metodológicos ainda da formação acadêmica, eu não me permitia escrever em primeira pessoa, logo pensava não ser capaz. E foi então que me surpreendi. Se eu me admiro o suficiente, porque eu não sou capaz. Engraçado que cada resposta era respondida com uma pergunta. E no decorrer do texto fui me descobrindo mais e mais, fui obtendo respostas de perguntas nunca feitas antes.

Parar, pensar e refletir sobre a própria história de vida, é um desafio. Nunca pensei na hipótese de refletir a fundo a minha caminhada de vida até aqui. Nunca me despertou o interesse em questionar ou analisar, e esta resistência me fez pensar, que justamente esta resistência faz parte da minha personalidade. Foi então, assistindo alguns colegas relatando suas histórias de vida, que eu parei para pensar na minha.

Agir sempre pensando, primeiro no que é correto, já bastava na minha concepção. Jamais me permitir fazer o que tenho vontade se eu não achasse correto determinada atitude. E quando parei para refletir sobre este conceito, me

senti uma tola. E ao analisar o contexto, me caiu a ficha que isto faz parte da minha concepção de vida, que foi construída pela minha trajetória de vida. Ou seja, tudo que eu acredito faz parte da minha construção. E foi assim que eu percebi o porquê eu gosto de estudar as diversas realidades de vida da sociedade, comecei a entender o porquê sempre me interessei em atuar diretamente na vulnerabilidade social que as pessoas se encontram, porque ali dentro deste contexto é possível conhecer a história de vida de uma pessoa, e o quanto isso influencia na formação do indivíduo. Mas para isso eu tenho que aprender a conhecer a minha história, a minha formação a minha trajetória.

Atuo diretamente na formação e conceitos de vida das pessoas, o porque eu nunca pensei na minha própria história de vida. Ao assistir à apresentação das colegas refletindo sobre suas histórias de vida, percebi que ao conhecer minha trajetória, seria mais produtivo minha atuação, traria mais qualidade no meu trabalho e na minha própria vida. Hoje tenho ciência que vivo em construção e desconstrução comigo mesmo.

Para tanto vale a pena contar... Meus pais nasceram no interior do Paraná. Meu pai em Siqueira Campos (Salto do Itararé) e minha mãe de Campo Mourão (Luiziana). Ainda jovens buscaram Curitiba como alternativa para melhorar a qualidade de vida, já que na roça a vida era muito puxada e sofrida, sem contar que não tinham oportunidade de estudos. Ao chegar em Curitiba minha mãe foi trabalhar em restaurantes e casas de “famílias” como era conceituada na época. Meu pai foi para o seminário em Londrina estudar a vida religiosa. Ao passar de alguns anos, meu pai abandonou a vida religiosa e casou-se com minha mãe, após um ano, nasceu “EU”. O porque a história dos meus pais é relevante? Pois bem, formou a ideologia de vida que eles têm até os dias de hoje, e conseqüentemente influenciou diretamente na construção da minha formação e trajetória.

Nasci em 1990 na cidade de Curitiba/PR, numa família simples e conservadora. Lembro como fosse hoje. Uma casa velha beirando a linha do trem, a divisória da casa era o guarda roupa e a outra parte era o comercio que sustentava a família, um açougue. Recordo que brincava na rua tranquilamente e adorava ver o trem passar, a diversão era contar quantos vagões tinha cada trem... 1,2,3,4,5...47. Eram muitos. Meu pai era o “homem da casa” o que ele

falava era ordem, certo dia fomos assaltados então tivemos que vender a casa, e mudamos para casa dos meus avôs maternos, até construirmos a nova moradia da “família busca pé” (como chamávamos na época). Meu pai foi trabalhar com caminhão, minha mãe como cozinheira e eu ficava com minha avó, uma mulher brava que nossa, no quintal da avó tinham várias casas, uma de cada filho, então tinham muitas crianças, na frente do terreno havia o famoso “bar da dona Ana”. Sorrio cada vez que lembro, que todos da rua amavam minha vó mesmo ela sendo danada de brava, e tinham um respeito enorme por ela, alguns clientes do bar, volte e meia iam pedir almoço ou janta, ela nunca negava, até fazia mais do que podia. Quando brincávamos na rua de pula corda, mãe pega, pic-esconde... e minha avó apontava no portão, logo as crianças gritavam – iiiiii lá vem a Dona Ana, a brincadeira acabou, correeeeeeeeeeee (gritos)... E lá vinha a dona com uma vara de marmelo na mão, a gente não sabia se corria ou ria... era muito bom. Tempos que todos brincavam na rua, mas tinham horário para entrar para dentro de casa. Uma infância adorável, humilde, simples, mas muito divertida, como a primeira vez que andei de bicicleta. Minha avó segurou o banco e disse – pedala, a vovó vai segurar... Muito confiante fui, só que eu não sabia fazer a volta e no final do trajeto tinha um “valetão” a céu aberto, foi inevitável, a avó não segurou... lembro que me esfregavam com bucha e álcool, mas o odor não saía, lembranças essas que marcam e comprovam que a vivência é a melhor escola para aprender, Ao olhar esta pequena trajetória e ver a minha irmã de 12 anos sentada no sofá enfiada num vídeo game, é de cortar o coração, pois não sabe o que é diversão.

Ao pensar na minha adolescência, consigo refletir como eu vivia em apreensão. Meu pai um homem muito divertido, porém muito rígido, meu maior medo era não conseguir tirar um sorriso dele, medo de não ser o que ele queria que eu fosse, ou seja, tinha medo dele não sentir orgulho da minha pessoa. Desde muito pequena sempre fui cobrada em ser a melhor, correta e honesta, eu tinha que saber tudo. Pensando neste contexto de criação e educação de casa, percebo que pessoas influenciam pessoas, para tanto a influência de um adulto na vida de uma criança, é marcante, pois ensina a crianças a crescer e compreender o mundo. A convivência com o outro ensina nos detalhes que cada um absorve para si. Porque temos que seguir uma linha de regra para crescer e

amadurecer? Quem disse que eu queria ser a melhor??? Ou a mais correta honestamente, ou mais educada, enfim, lembro que eu era a mais quietinha da escola, tinha medo das crianças maiores, tinha medo da professora, tímida e retraída não brincava e ninguém gostava de mim, certa vez na escola virei para colega que sentava atrás, para perguntar algo bobo (empresta a borracha ou lápis) algo assim, a professora loira alta, venho na minha direção e me deu um beliscão nas costas, a dor não foi física, foi sentida com o coração, pensei e pensei muito o que dava o direito dela me beliscar sem me conhecer, eu não tinha amigas e nunca falava com ninguém, aquilo me reprimiu mais ainda, mas as coisas só mudaram quando terminei o ensino fundamental e fui transferida para um colégio estadual. Mas de fato esses acontecimentos eram reflexos do que eu aprendia em casa e levava para escola, não teimar, não reclamar, não brigar, etc... Lembranças ruins ou boas formam nossa ideologia de hoje. Nessa transição de troca de escola, foi um momento alegre, pois foi a parte da vida que conheci pessoas com o coração enorme e terrivelmente artieras, foi onde conheci o lado da diversão e do abraço de um amigo, conheci o sabor do proibido. Sem dúvida foi o período que meus pais mais sofreram (adolescência). Mesmo desafiando a palavra não eu respeitava muito a ordem deles, e para não magoa-los e não ouvir a palavra “não”, eu fazia escondido (pular o muro da escola; fingir que entrava na escola para fazer piquenique com as amigas; dizer que tinha que ficar o dia todo na escola para ir na casa de uma amiga), assim que me empoderei, criei coragem demais, foi onde o sabor do proibido tomou conta, tudo que um dia eu quis fazer eu fiz (Provei o cigarro, alaguei a escola, coloquei fogo na horta da escola, batia nos colegas, brigava e enfrentava). Mas será que tudo isso, é o desafio da criança/adolescente contra a família??? Me arrisco a afirmar que não, é o reflexo da criação que cada pessoa recebe, se a convivência nos influencia indiretamente, quer dizer que nossas atitudes são um reflexo do que aprendemos, ou do que desejamos inconscientemente. Se pensarmos por este viés é importantíssimo que se valorize a convivência com o próximo, a valorização de cada um, não importa a idade.

Na época de adolescência, era conhecida como (o guri do Ronaldo), sempre buscava estar entre os meninos, jogar futebol, soltar pipa, minhas vestes eram calção do pai, tênis grande camiseta. Mas não durou muito tempo. Próximo

aos 16 anos, surgiu a obrigação do pré-vestibular, como toda minha formação foi em colégio público, não conseguia desenvolver algumas atividades de raciocínio lógico, ciências entre tantas, meu pai sempre muito preocupado com o futuro dos estudos, me colocou período integral estudando. Pela manhã ia para o colégio público, no período da tarde fazia um cursinho pré-vestibular mais conceituado da época, foi então que tive que mudar o estilo de vida. Comecei a frequentar o curso onde 99% dos alunos tinham uma condição financeira altíssima, então meu estilo era mal visto no meio deles, para não ser rejeitada e me dedicar nos estudos parei de me vestir como menino. Ao analisar este contexto, a reflexão é assustadora, se vivia sob manipulação velada da sociedade. Mas esta realidade vivida foi incrível para meu desenvolvimento, que mesmo com tanto preconceito, luxo e futilidade, trouxe um aprendizado muito rico para meu crescimento pessoal. Aprendi muito, pois foi um momento indispensável para minha vida atual, dentro deste contexto que escolhi a carreira da minha vida. Pois, se meu pai, não fosse tão firme e rígido eu não teria estudado e não entenderia a satisfação de aprender além dos livros, além do básico e metodológico das escolas... - Medicina, saúde... essas eram as palavras do meu pai, como nossa condição financeira não permitia, a ideia seria eu começar pela faculdade de Enfermagem e depois um investimento para medicina. Mas como eu já conhecia o sabor do proibido, os planos de meu pai não foram bem-sucedidos. Escolhi outro curso escondido, coloquei enfermagem como 2º opção de curso. E o que me fez escolher o curso de Serviço Social, foi exatamente a realidade que estava vivendo. As histórias de vida mais difíceis sempre me impressionaram, e isso era explícito, eu não gostava de estar no meio de tanto luxo e poder, me sentia mal naquele espaço. Certo dia no horário de café, um grupo de meninas me convidaram para ir comprar algumas roupas em uma loja de surf, certamente eu fui apenas acompanhar, ao sair da loja o vendedor interessou-se por uma das garotas muito bem arrumadas, e o comentário começou. – Um gato, mas pobre, sem chance.... Eu não aguentava tanta futilidade, mesmo com tão pouca idade, aquilo me incomodava, e eu questionava, certo dia uma dessas meninas falou. – Guria você tem tanta piedade, devia fazer Serviço Social.... Mal sabia ela que tal frase teria tanto impacto na minha vida. Próximo do vestibular já inscrita para Enfermagem, fui procurar entender o que era Serviço Social, e percebi que era a profissão que eu

buscava e não sabia que existia, foi assim que alterei para 1º opção de curso sem meus pais saberem, pois não iriam autorizar. Fazer o que gosta, atuar com prazer devia ser algo natural, infelizmente o poder e o dinheiro influenciam nas escolhas de vida das pessoas, é algo que vivencio diariamente, em casa e conhecendo a realidade de vida dos usuários que atendo.

Mas uma etapa de vida que mostra a importância da convivência. Simples atos, poucas palavras, não importa as circunstâncias, a convivência e o vínculo são essenciais para o desenvolvimento de qualquer pessoa.

A faculdade, momento mais esperado de toda a minha vida. Na família gigante que tenho, apenas um primo estava na faculdade. A preocupação de toda minha família era trabalhar, ganhar dinheiro e viver todo mundo sempre unido, a maioria dos meus primos abandonaram os estudos para seguir a profissão de cabeleireiro. Ser cabeleireiro é sofrido, todos pensam ser simples devido o dinheiro que vem rápido em pouco investimento. Na família, 08 tios e 12 primos são cabeleireiros. Antes de conseguir a bolsa da universidade, eu fui trabalhar para pagar minha faculdade e atuava como cabeleireira no salão dos meus pais, foi então que eu percebi o quão forte são meus pais, engraçado que são nesses momentos que percebemos, que para entendermos o próximo, infelizmente muitas vezes temos que viver a realidade, ou seja, a experiência é necessária para alguns fatos da vida. Aprendi a valorizar o trabalho dos meus pais, mesmo depois de adulta, e olhei para eles e refleti, que eu deveria dar valor para o trabalho e não para o dinheiro. Meus pais hoje em dia ganham bem, têm uma vida estrutural confortável, mas é visível que não são felizes, vivem condicionados a mão de obra pesada, ao trabalho árduo, 14 horas de jornada diária, e ainda são conservadores, o que piora a realidade emocional da família. Todos vivem estressados e cansados em casa. É então que eu tenho a certeza que eu quero atuar com paixão no meu trabalho, não quero reproduzir o que os meus pais vivem, embora eu admiro muito eles, quero poder proporcionar uma qualidade de vida futura para minha família e estar satisfeita comigo também. E estudar é algo que eu busco para minha formação. E neste contexto todo, percebo que minha irmã está aprendendo a viver intensamente, sem seguir os padrões, e isso me deixa aliviada e contente, pois eu consigo proporcionar a ela experiências que eu não tive a oportunidade, como o simples fato de ir na casa

de uma colega, ir ao shopping ou ir para praia, parece natural, mas em uma família conservadora, esses simples atos, não são permitidos sem a presença dos pais. E com a minha presença ela consegue voar um pouco mais alto.

### **3. CONVIVER ... UMA POLITICA, UM DIREITO: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – fundamentação.**

Partindo da realidade de convivência com o próximo, arrisco dizer que é a melhor experiência que a vida pode proporcionar. Pois a convivência ensina além dos livros, além da formalidade, além dos conceitos pré-concebidos. E neste capítulo tenho o intuito de apresentar como a realidade de uma comunidade pode se beneficiar com a política pública bem aplicada. Quero pontuar que a convivência é um fator importante e indispensável na vida de todos os indivíduos. A Assistência Social teve a preocupação em organizar um serviço que atenda a necessidade e a demanda das comunidades, então surgiu os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV, para as crianças e idosos. É muito difícil aplicar este serviço, uma vez que os profissionais da área têm dificuldade de entender este contexto de convivência. Não é um espaço onde as crianças e/ou idosos apenas passam um período do dia, é um espaço que eles para socializar, conviver e fortalecer vínculos sejam eles familiares ou com a sociedade. E fazer com que os profissionais entendam esta demanda é muito complicado, já que este serviço existe há pouco tempo, mas recentemente a Política de Assistência Social vem trabalhando com formação continuada para todos os profissionais que atam na área. Os SCFV são executados nos Centro de Referência e Assistência Social- CRAS e principalmente pelo terceiro setor (ONGS, Entidades Sociais, Associações), e depende da demanda da comunidade para definir se será aplicado para crianças ou idosos.

É possível analisar que para o Sistema único de Assistência Social -SUAS ter um resultado eficaz, é necessário que tenha:

Provisão dos órgãos gestores com pessoal próprio, gerando a cultura pública e de responsabilidade por resultados com pessoal próprio, gerando a cultura pública e por responsabilidade por resultados e por garantia de direitos na Assistência Social. O gestor público da Assistência Social deixa de ser operador

indireto da política e passa a ter que exercer a responsabilidade do Estado. (SPOSATI; 2006, p.99)

Os SCFV de acordo com a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, Resolução CNAS nº 109/2009 (Tipificação, 2006, pg.09), é o serviço realizado em grupos, organizado a partir de percursos, de modo a garantir aquisições progressivas aos seus usuários, de acordo com seu ciclo de vida, a fim de complementar o trabalho social com as famílias e prevenir a ocorrência de situação de risco social. O SCFV organiza-se de modo a ampliar trocas culturais e de vivências, desenvolver o sentimento de pertença e de identidade, fortalecer vínculos familiares e incentivar a socialização e a convivência comunitária.

Nos documentos da Política de Assistência Social estão expressos elementos indicadores da compreensão dos formuladores sobre a relação da política com a família e sobre a ideia da “centralidade na família”. Ao longo da construção da política e na medida em que os documentos oficiais principais foram sendo aprovados – a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), a primeira e a nova Política Nacional de Assistência Social (PNAS) – foi gerada também a ideia de “centralidade na família”, de forma que não é mais possível falar de assistência social sem fazer referência à família.

Nos objetivos da Lei Orgânica de Assistência Social (art. 2º), o grupo familiar e seus segmentos aparecem como público destinatário quer seja considerado às diferentes faixas etárias, a situação de maternidade da mulher ou a pessoa com deficiência. Ou seja, a política tem como um dos seus objetivos significativos, “a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice”.

Na primeira Política Nacional de Assistência Social, de 1999, aparece pela primeira vez e como um dos princípios que devem orientar a política a ideia de “centralidade na família para a concepção e implementação dos benefícios, serviços, programas e projetos” (BRASIL / MPS, 1999, p. 66). Esse princípio representou um significativo avanço em relação a LOAS, porque a partir dele a família ganhou destaque na política. Ela deve ser alvo de atenção e eixo central de todas as ações da política, ou seja, para a família devem convergir todos os benefícios, serviços, programas, projetos e ações, visando à sua emancipação,

promoção, proteção e inclusão social. Desse modo, toda a intervenção social sobre a família deve transcender o beneficiário direto e causar um impacto significativo nas condições de vida de todo o grupo familiar (id. *ibid.*, p. 50-73).

A nova Política Nacional incorpora a perspectiva da construção do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Com esse sistema, a política passa a ser organizada em dois níveis diferenciados de proteção social: a básica e a especial. A proteção social básica tem como objetivo prevenir situações de risco, em situações de vulnerabilidade social, cujo vínculo familiar e comunitário ainda não foi rompido. A proteção social especial é destinada a pessoas ou grupos que estão em situação de violação de direitos, como crianças, adolescentes, jovens, idosos, pessoas com deficiência, em situação de rua, migrantes, etc., e pode ser média e de alta complexidade. Assim, fica evidenciado que a situação de pobreza, vulnerabilidade e risco social das famílias e indivíduos/segmentos tiveram importância significativa no desenho da nova Política Nacional e do SUAS.

Constituição Federal de 1988. A partir de 1993, com a publicação da Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, esta é definida como Política de Seguridade Social, compondo o tripé: Seguridade Social, Saúde e Previdência Social, com caráter de Política Social articulada a outras políticas do campo social. A Assistência Social, diferentemente da Previdência Social, não é contributiva, ou seja, deve atender a todos os cidadãos que dela necessitarem. Realiza-se a partir de ações integradas entre a iniciativa pública, privada e da sociedade civil.

Em 2005, é instituído o Sistema Único de Assistência Social – SUAS, descentralizado e participativo, que tem por função a gestão do conteúdo específico da Assistência Social no campo da proteção social brasileira. O SUAS consolida o modo de gestão compartilhada, o cofinanciamento e a cooperação técnica entre os três entes federativos que, de modo articulado e complementar, realizam a proteção social não contributiva de seguridade social no campo da assistência social. Em 6 de julho de 2011, a Lei 12.435 é sancionada, garantindo a continuidade do SUAS. Esse sistema organiza as ações da assistência social em dois tipos de proteção social: a primeira é a Proteção Social Básica, destinada à prevenção de riscos sociais e pessoais, por meio da oferta de programas, projetos, serviços e benefícios a indivíduos e famílias em situação

de vulnerabilidade social; e a segunda é a Proteção Social Especial, destinada a famílias e indivíduos que já se encontram em situação de risco e que tiveram seus direitos violados por ocorrência de abandono, maus-tratos, abuso sexual, uso de drogas, entre outros aspectos.

Apesar da Assistência Social ter que ser exercida como responsabilidade estatal, vimos que seus investimentos são burocráticos na perspectiva como o Estado viabiliza as Políticas Sociais, tendo que se fazer presente na iniciativa privada no momento em que a articulação com os órgãos prestadores das demais Políticas Sociais não é realizada em decorrência na inexistência do serviço no território e da falta de investimento governamentais representando, assim, os interesses do capital, ou seja o fortalecimento do capital. Tem que existir articulação com outras políticas sociais como saúde e previdência social.

É neste sentido também que se entende que a Assistência Social, para ser implementada como Política Pública, faz se necessário que o SUAS rompa com o paradigma conservador, ou seja, que se tenha compreensão de que é um Política Pública universal, permitindo assim a proteção social por meio de uma ação em rede hierarquizada com a articulação com outras Políticas Sociais e com ações desenvolvidas pelas Organizações Não Governamentais no território. Assim o estado começa aos poucos a dar prevenção e proteção social aos indivíduos em situação de risco. Então em julho de 2005, foi instituída a Norma Operacional Básica do SUAS (NOB|SUAS), com a intenção de materializar o fluxo de gestão nos territórios. E em dezembro de 2005, foi realizada a V Conferência Nacional de Assistência Social, que teve várias publicações lançadas que deram suporte para as deliberações da agenda SUAS, que teve como resultado o Plano de 10 direitos socioassistenciais. Em 2006, foi instituída a Norm Operacional Básica de Recursos Humanos (NOB-RH|SUAS).

A atenção oferecida as crianças deve ser diferenciada de acordo com as necessidades de cada indivíduo, a situação de fragilidade e desenvolvimento que se encontra, tendo em vista as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos que estão em condições peculiar de desenvolvimento e necessita de atenção integral. As situações familiares, sobre tudo devem ser consideradas para a organização dos serviços de proteção social básica de assistência social, que estimulam a participação social.

Conforme está descrito no PNAS\2014 a Promoção de direitos se dá por meio do desenvolvimento da política de atendimento dos direitos de crianças e adolescentes, integrante da política de promoção dos direitos humanos. Essa política deve-se dar de modo transversal, articulando todas as políticas públicas. Nele estão os serviços e programas de políticas públicas de atendimento dos direitos humanos de crianças e adolescentes, de execução de medidas de proteção de direitos e de execução de medidas socioeducativas. Os principais atores responsáveis pela promoção desses direitos são as instâncias governamentais e da sociedade civil que se dedicam ao atendimento direto de direitos, prestando serviços públicos e/ou de relevância pública, como ministérios do governo federal, secretarias estaduais ou municipais, fundações, ONGs, etc.

A Constituição da República Federativa do Brasil assegura uma ampla participação e controle da sociedade no desenvolvimento das políticas públicas, principalmente com o surgimento do Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA). Inicia-se um movimento amplo, envolvendo todos os atores sociais, no sentido de se trabalhar em rede, de forma sistemática, integrada e em parceria, em prol dos interesses de crianças e adolescentes. Intensificou-se, então, a forma de intervenção social em rede na busca da promoção e restituição do direito violado.

Conforme está descrito no “Documento Orientador Padrões de Qualidade” (pg. 05), o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, é um serviço realizado em grupos, organizado a partir de percursos, de modo a garantir aquisições progressivas aos seus usuários, de acordo com o seu ciclo de vida, afim de complementar o trabalho social com as famílias e prevenir a ocorrência de situações de risco social. Forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais e coletivas, na família e no território. Organiza-se de modo a ampliar trocas culturais e de vivência, desenvolver o sentimento de pertença e identidade, fortalecer vínculos familiares e incentivar a socialização e a convivência comunitária. Possui caráter preventivo e proativo pautado na defesa e afirmação dos direitos e no desenvolvimento de capacidade e potencialidades, com vistas ao alcance de alternativas emancipatórias para o enfrentamento de vulnerabilidade social.

Possui articulação com o Serviço de Proteção e Atendimento Integral a Família – PAIF.

#### **4. APRENDER A SER - EU, VOCÊ, ELE, NÓS... No Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

Não há como negar que a nova tendência da família moderna é a sua composição baseada na afetividade. Sabemos que o legislador não tem como criar ou impor a afetividade como regra erga omnes, pois esta surge pela convivência entre as pessoas e reciprocidade de sentimentos. (SIMÕES, 2012. Pg. 4)

Atualmente comenta-se muito sobre a formação das crianças e adolescentes voltada para a cidadania, a socialização, convivência e habilidades sociais, com um discurso que vai muito além das práticas da sala de aula. Trata-se da formação da pessoa em toda a sua complexidade e não apenas como relação de ensino aprendizagem e sim um trabalho de educação integral, com atenção voltada para o desenvolvimento integral da criança, considerando seus aspectos emocionais, cognitivos, espirituais e físicos.

Para entender e conhecer esta realidade de convivência realizei uma pesquisa de campo em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) - Centro Assistencial e Educacional Padre Giocondo (CAEPG). Esse centro está situado no bairro Cajuru, zona periférica de Curitiba, capital do Paraná e foi se construindo por áreas de ocupação irregular, por famílias em situação de vulnerabilidade em todas as esferas (saúde, educação, emprego, etc.). A atividade econômica preponderantemente informal e a renda familiar variam de um a dois salários mínimos (Federal). A atividade econômica das famílias, atendidas pelo SCFV é marcada pela economia informal e na venda da força de trabalho, várias mulheres atuam como domésticas e poucas possuem Carteira de Trabalho assinada.

Tal realidade tem incidência direta na vida das famílias e das crianças, comprometendo a sua qualidade de vida e o seu futuro. No que se refere aos serviços executados pelo projeto, o CAEPG visa oferecer espaços de convivência, formação para a participação e cidadania, desenvolvimento do

protagonismo e da autonomia das crianças, através de ações socioeducativas, pautadas em experiências lúdicas, culturais e esportivas como forma de expressão, integração, aprendizagem, socialização e proteção social. Visa também priorizar o respeito e os direitos legais da criança e do adolescente garantidos pela Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). A objetivo é garantir o atendimento às 120 crianças cujo a meta é realizar ações que fortaleçam a função protetiva da família, prevenir a ruptura de vínculos familiares e comunitários, potencializando o protagonismo e a autonomia das famílias em seus territórios.

Partindo deste contexto, eu iniciei um momento de observação diária num período de sete dias. Após realizei rodas de conversa com todas as crianças que participam do SCFV. Nestas rodas de conversa foi dito que o tema principal seria “convivência e histórias de vidas”, e cada criança falava o que tinha vontade e as conversas fluíam naturalmente. Após este período, foi feito um convite aos familiares, para uma roda de conversa em grupo, com intuito de interação familiar entre a comunidade, para troca de experiências, e também aplicar a entrevista aberta para coleta de dados.

Formei quatro grupos com as crianças. Primeiro grupo aconteceu no período da manhã com 28 crianças, sob o acompanhamento de uma psicóloga da instituição, onde o tema transversal foi pontuado e as próprias crianças discorreram sobre o assunto, eu apenas observei as histórias relatadas. Os outros três grupos aconteceram no período da tarde, cada grupo contou com a presença de 25 crianças. As rodas de conversa realizadas no período da tarde tiveram o acompanhamento da psicóloga e direcionadas com o tema principal, as crianças conversavam naturalmente. Estas rodas de conversas aconteceram 03 vezes totalizando um público de 103 crianças e 17 faltantes.

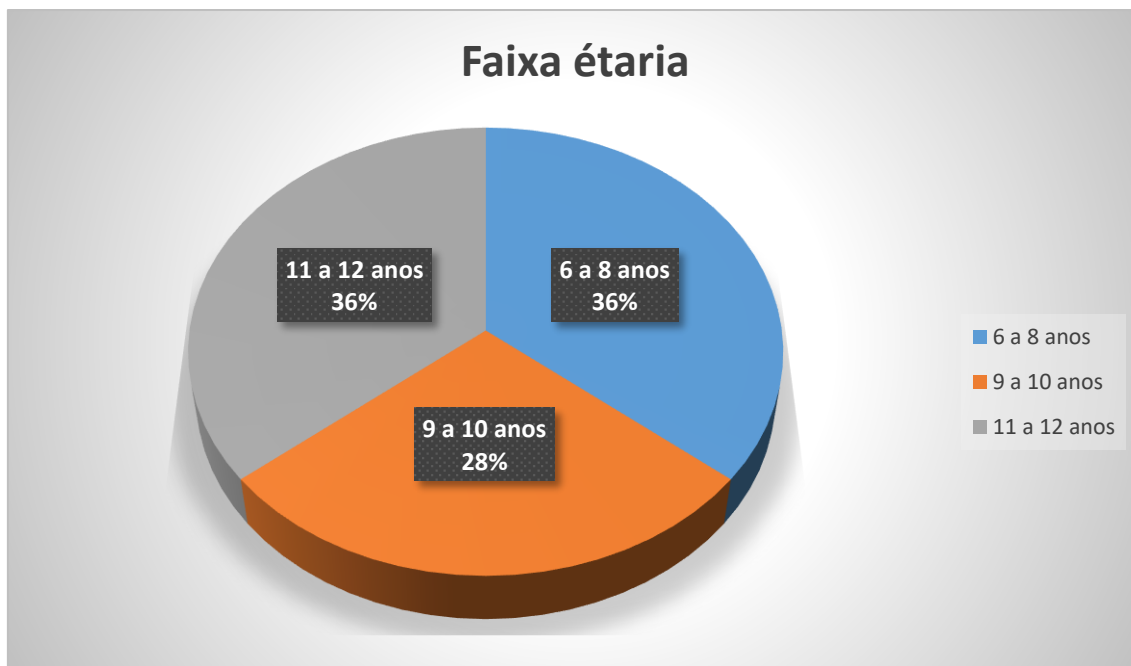
#### **4.1 ANÁLISE DE DADOS DAS RODAS DE CONVERSA COM CRIANÇAS**

A roda de conversa aconteceu em um espaço comum da instituição escolhido pelas crianças (salão de acolhida). As crianças iniciaram a conversa pontuando o que fizeram durante o dia ou semana. Alguns falaram nome, idade e com quem moravam; outras falaram nome e o que gosta de fazer. Após o bate papo inicial, lancei o tema “convivência e histórias de vidas”. Rapidamente

alguém expressou. - *Nós sempre fazemos isso por aqui, com a coordenadora.*; - *O objetivo do projeto é convivência; - Sempre trocamos experiências.*



Então naturalmente todos começaram a expor suas experiências e até mesmo relatar suas histórias de vidas. Esta etapa aponta e reforça o 1º capítulo, cuja a importância da convivência com o próximo influencia no desenvolvimento de uma criança. Ao observar a troca de experiências das crianças, percebi que aqueles que tinham alguma vulnerabilidade familiar, apresentavam um certo medo de se expressar, quando um pontuava um “problema” o outro que estava tímido, se soltava e partilhava do mesmo histórico. As várias expressões da questão social apontada foram: familiares em situação de divórcio, abandono, crianças abrigadas, crianças em famílias provisórias, racismo, preconceito, familiares presos, dificuldade financeira, entre tantos outros que apareceram. É visível como estas crianças amadurecem rapidamente devido as histórias familiares.



**FIGURA 01** – Faixa etária das crianças envolvidas na coleta de dados, 2016.

No decorrer da partilha e trocas de experiências, surgiu o tema família, pontuados por eles mesmos. Mais uma vez a surpresa, eles timidamente começam a falar suas histórias, quando percebem que é algo em comum, se sentem à vontade com atual realidade. É impressionante como eles fazem uma autoanálise rapidamente deles mesmo. Ou seja, quando começaram a pontuar a realidade deles, sentiam-se tímidos, quando percebem que é algo em comum eles perdem a timidez e partilham suas sensibilidades.

CRIANÇA 01- Eu moro com meu pai, e tenho que ficar aqui no projeto para ele poder trabalhar, minha mãe nos abandonou quando eu era pequeno.

CRIANÇA 02- Eu também moro com meu pai, meu pai ganhou minha guarda, mas eles sempre brigam na minha frente para saber com quem eu vou ficar.

CRIANÇA 03- Minha mãe não me quis, então eu moro com meu pai.

CRIANÇA 04- Eu não conheço meus pais, moro com minha avó. Mas é provisório, pois o juiz ainda está avaliando quem vai ficar com minha guarda, minha mãe não pode chegar perto de mim e dos meus irmãos.

CRIANÇA 05- Eu moro com minha mãe, ela me pegou bem pequenininha.

CRIANÇA 06 pontua: Este ambiente nos mostra que todos podemos ser o que queremos ser.

É visível que a partilha de histórias se torna importante, para que possamos perceber, que não precisamos seguir um método, um cronograma ou regras pré-estabelecida pela sociedade.

Por toda parte ensinam-se os conhecimentos, em nenhum lugar se ensina o que é conhecimento, enquanto um número cada vez maior de investigações começa a penetrar nessa zona, a mais misteriosa entre todas, a do cérebro/mente humanos. (MORIN, 2015. Pg.17)

A vida de cada pessoa se constrói a partir das relações sociais estabelecidas ao longo da nossa existência, traçando uma trajetória, pois estas não são mutáveis, isso dependerá das viabilizações e das condições necessárias para que os indivíduos consigam superar situações impostas pela realidade excludente.

CRIANÇA 07- Minhas irmãs passaram pelo projeto. Aqui a gente aprende fazer um pouco de tudo, às vezes não gosto de fazer as oficinas, mas eu gosto de estar aqui com amigos.

CRIANÇA 08- as educadoras nos mostram como lidar com situações difíceis.

CRIANÇA 09- Aqui eu aprendi que às vezes o que é chato pode ser importante para minha vida.

CRIANÇA 10- aprendi a ver o mundo como ele é, porque o mundo é o que eu vejo, o que eu quero ver.

A formação de uma criança deve ultrapassar as atividades oferecidas na educação formal. As atividades desenvolvidas nos SCFV tem como proposta levar os sujeitos envolvidos a refletirem sua importância na vida do outro, suas responsabilidades diante do mundo e a capacidade que devem desenvolver para exercitar essas práticas no decorrer da sua vida, nas suas relações interpessoais.

É surpreendente que a educação, que visa a comunicação dos conhecimentos, seja cega a respeito do que é o conhecimento humano, seus dispositivos, suas fraquezas, suas dificuldades, suas propensões tanto ao erro como a ilusão e, modo algum, se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer. (MORIN, 2015, pg.99).

Para aprimorar o entendimento do serviço realizado e da convivência que este serviço proporciona, foi realizado uma entrevista semi-estruturada com a psicóloga e coordenadora do CAEPG.

PSICÓLOGA- O foco maior no serviço prestado por nossa instituição é a qualidade, mas em algo subjetivo. Valorizamos a autonomia das crianças, o fortalecimento de Vínculos, independente de como a família é constituída. Trabalhamos diariamente o respeito e a convivência com o próximo, através de trocas de experiência. Realizamos atividades socioeducativas com objetivo de aguçar a criatividade, através de cultura, levando em conta o tempo de cada criança.

Pode se perceber que são objetivos que vão muito além do conhecimento intelectual sistematizado e dedutivo. Abrangem toda a formação humana e social da criança. As atividades socioeducativas são práticas que enriquecem o desenvolvimento das crianças com caráter formativo e preventivo. Para ressaltar a importância das atividades desenvolvidas, deve se refletir sobre as atividades lúdicas como elementos importantes do dia a dia das crianças, pois elas estimulam a aprendizagem, o desenvolvimento, a socialização e a construção do conhecimento, já que o lúdico faz parte da cultura infantil e é expresso nas ações e gestos da criança.



O Ministério do Desenvolvimento Social, Combate à Fome (MDS) Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS) e o Departamento de Proteção Social Básica (DPSB). Criou um caderno de perguntas frequentes sobre os SCFV para subsidiar os profissionais da área, já que é um serviço que ainda está caminhando. Este caderno descreve exatamente o foco principal conforme a fala da psicóloga.

O SCFV é uma intervenção social planejada, que se materializa por meio dos grupos, com vistas a estimular e orientar os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais e coletivas, na família e no território. Assim, os encontros dos grupos do SCFV visam criar situações de convivência para a realização de diálogos e fazeres que constituem alternativas para o enfrentamento de vulnerabilidades e a construção de alternativas. Nessa direção, esses encontros são um espaço para promover: Processos de valorização/reconhecimento; Escuta; Produção coletiva; Exercício de escolhas; Tomada de decisão sobre a própria vida e de seu grupo; Diálogo para a resolução de conflitos e divergências; Reconhecimento de limites e possibilidades das situações vividas; Experiências de escolha e decisão coletivas; Aprendizado e ensino de forma igualitária; Reconhecimento e nomeação das emoções nas situações vividas; Reconhecimento e admiração da diferença. (Caderno de perguntas SCFV, pergunta 16, pg. 16-17)

A atenção oferecida às crianças deve ser diferenciada de acordo com as necessidades de cada uma tendo em vista a situação de fragilidade e desenvolvimento que se encontra. Crianças e adolescentes devem ser sempre tratados como sujeitos de direitos que estão em condições peculiar de desenvolvimento e necessitam de atenção integral. As situações familiares, sobretudo devem ser consideradas para a organização dos serviços de proteção social básica de assistência social, que estimulam a participação social.

## **4.2 ANÁLISE DE DADOS DA RODA DE CONVERSA EM GRUPO**

Posteriormente as rodas de conversa, foi encaminhado um convite às famílias para uma tarde de interação. Compareceu para este momento 12 famílias, representadas por 35 pessoas. Foi criado um ambiente de recreação e brincadeiras, conforme os familiares foram chegando, eles automaticamente foram interagindo e literalmente brincando, com jogos interativos, bolas, baralho. Após, foi proporcionado um momento de reflexão com a presença de todos. Foi distribuído para os familiares uma entrevista estruturada, com uma pergunta aberta pertinentes para pesquisa.

Metade dos familiares que compareceram informaram manter-se com apenas um salário mínimo mensal. 17% deste público informou viver com menos de um salário mínimo mensal. 33% contam com 2 salários mínimos mensal e nenhum dos familiares recebe mais que dois salários mínimos.

Com esta realidade avalia-se junto a Proteção Social Básica que a renda familiar influencia diretamente no convívio familiar, uma vez que o familiar ocupa

a maior parte do seu tempo ganhando o sustento da família, e neste período a criança fica desprotegida. A criação dos Serviços de Convivências vem de encontro com estas realidades, tentando minimizar a precariedade familiar. Então é necessário que este espaço ofereça um serviço de qualidade, cuja maior importância é a convivência e experiência.

A Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (LDB), lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), traz em seus temas transversais a necessidade de que a educação se alicerce para além das especialidades ou do conhecimento teórico, valorizando aspectos comportamentais e de convivência. As atitudes são ressaltadas como elementos essenciais das relações comunitárias no bairro, na escola, na família em qualquer grupo, e pressupõe o desenvolvimento de competências pessoais e de convivência.

FAMILIAR- Antes a preocupação era “onde vou deixar meu filho para eu ir trabalhar” hoje em dia é “como eu vou deixar meu filho para ir trabalhar”

FAMILIAR- depois que começamos a frequentar o SCFV, estreitamos nossa relação.

FAMILIAR- acho necessários estes encontros, pois só assim percebemos o quanto importante é o momento que reservamos para nossos filhos, acho que nem conversamos em casa. E aqui nós brincamos e conversamos e eu pude conhecer meu próprio filho um pouquinho.

FAMILIAR- nossa falta de questionar e fazer perguntas faz com que nós fiquemos em modo automático, perdendo os melhores momentos da vida, ficamos cegos para poder sobreviver nesta sociedade. Mas minha princesa me mostrou a importância de respirar, depois da adoção eu me transformei e este lugar proporciona a ela a troca de experiência. E tem dado certo.

FAMILIAR- meu filho e meus sobrinhos chegam em casa e reproduzem o que apreendem no projeto com outras crianças que não podem ir. Sempre falam da convivência com o próximo. Acho interessante que meu filho tem muito mais autonomia de um ano para cá, ele tem seus próprios desejos e opiniões, mas sabe respeitar, não pensei que seria tão bom assim.

FAMILIAR- mês que vem vou ter que tirar minha filha deste projeto, por questão familiar de locomoção, o pai quer a guarda, e exige pagar um colégio período integral e particular. Mas a minha princesa chora todos os dias, ela não quer sair daqui. Eu penso que ela tem muito mais a aprender aqui do que num colégio particular, estou com o coração partido.

A criança está envolvida em uma realidade que sua vida está condicionada a vida de seus responsáveis, ou seja, ela vive em uma plena mudança e transformação de vida social. O Planejamento Familiar orienta-se por ações preventivas e educativas e pela garantia do acesso igualitário às informações, meios, métodos e técnicas. Os programas de planejamento familiar

têm trabalhado a prevenção de riscos sociais. A garantia de direitos das famílias. Entende-se que família é um complexo sistema de organização, crenças, valores e práticas desenvolvidas ligadas diretamente às transformações da sociedade, em busca da melhor adaptação possível para a sobrevivência de seus membros e da instituição como todo. O sistema familiar muda à medida que a sociedade muda, e todos os seus membros podem ser afetados por pressões interna e externa, fazendo que ela se modifique com a finalidade de assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros.

Em todos nossos encontros e nossas relações temos necessidades de compreender o outro e de ser compreendido pelo outro. Viver é ter a necessidade incessante de compreender e de ser compreendido. (MORIN, 2015, pg.27).

### **4.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO**

#### **CATEGORIA 01 – Autoconhecimento/Trocas de experiências**

Nós somos capazes de estabelecer relações de extrema sensibilidade com nossos familiares e somos capazes de viver verdadeira intimidade com nós mesmos. Vivemos num constante processo de auto realização, a partir do momento do autoconhecimento.

Em um dos encontros, nas rodas de conversa alguém trouxe um questionamento que tratava exatamente a relação de um ser com o outro.

- Qual o significado da palavra normal? O que seria normal em um mundo onde todos somos diferentes? Tudo é extremamente simples e ao mesmo tempo tão complexo!

Um participante da pesquisa, alguém que estava interagindo ali com todos, partilhando experiências indagou esta questão. Pai de uma criança de 09 anos, com deficiência intelectual<sup>1</sup> CID 10. Emocionado partilhou conosco sua experiência e história de vida que vale a pena ser partilhada aqui. Esta criança passou por uma fase de adaptação com o pai, quando a mãe abandonou ambos, pai jovem com um filho que demandava muita atenção. Iniciou a alfabetização e foi então que três escolas rejeitaram. Quando esta criança saiu para conviver

---

<sup>1</sup> A Deficiência Intelectual, segundo a Associação Americana sobre Deficiência Intelectual do Desenvolvimento AAIDD, caracteriza-se por um funcionamento intelectual inferior à média (QI), associado a limitações adaptativas em pelo menos duas áreas de habilidades (comunicação, autocuidado, vida no lar, adaptação social, saúde e segurança, uso de recursos da comunidade, determinação, funções acadêmicas, lazer e trabalho), que ocorrem antes dos 18 anos de idade.

com as crianças chamadas “normais”, não encontrou um mundo preparado para recebe-la. Mas este despreparo não vem das crianças, vem dos adultos. O pai partilha novamente, sua experiência.

- Todas as escolas até hoje, rejeitaram meu filho, não tinha mais aonde leva-lo. Encontrei aqui a estrutura que eu necessitava no momento, pois isso possibilitou que nós possamos sorrir, não por ter aonde ficar, mas por ser recebido e acolhido, onde ele é visto como todas as outras crianças, sem distinção. Cada criança com sua história. Em todas as outras escolas que meu filho foi rejeitado, eles tentavam ensinar ele a ser uma criança “normal”, mas não ensinavam as outras crianças “normais” a serem deficientes. Irônico como a vida nos deixa mais forte.

A cada história partilhada na roda de conversa, mais as crianças e os familiares sentiam-se a vontade, foi um momento de interação e descontração. Visível que todos aprendiam com todos, reforçando o acolhimento e a convivência que as crianças vivenciam diariamente.

A segurança de convívio, garantida aos usuários pela PNAS, diz respeito à efetivação do direito à convivência familiar e à proteção da família, com vistas ao enfrentamento de situações de isolamento social, enfraquecimento ou rompimento de vínculos familiares e comunitários, situações discriminatórias e estigmatizantes. O enfrentamento a essas situações é realizado por meio de ações centradas no fortalecimento da autoestima, dos laços de solidariedade e dos sentimentos de pertença e coletividade. (Cadernos de perguntas, pergunta 2, pg. 8)

Dentro de todo este contexto, fiz uma auto reflexão da minha trajetória e o momento atual da minha vida. As mediações que participei com o Professor Valdo, foram essenciais para o início desta auto análise. Eu teria que entender a importância de me olhar e encontrar o motivo da minha maior inspiração. Levei mais tempo do que se pode imaginar para conseguir transcrever. E foi durante estes “encontros e desencontros” com minha mediação que eu me dei conta, que minha maior paixão, *eu não conseguia expressar*. Mas percebi que partilhar a análise das minhas experiências profissionais, seria possível fazer com que o leitor, o colega, o amigo entenda o que eu amo fazer, e foi assim que eu também me descobri, E as mediações com a professora Lenir foram essenciais para encaixar os pensamentos.

Atuar com histórias de vida indiretamente sempre foi algo que despertou em mim, não consigo nem recordar quando essa vontade despertou no meu coração. Atuar com a questão social envolvendo a comunidade mais vulnerável, foi o caminho que escolhi enquanto buscava uma carreira profissional. Então eu

atuo com essa realidade aproximadamente a 09 anos, mas nunca tinha percebido a dimensão deste contexto, nunca tinha me dado conta o quão rico é esta realidade com a qual eu vivo. A cada aproximação fui evidenciando a complexidade da realidade social, das histórias relatadas.

Além deste rico campo de pesquisa, foi possível criar uma aproximação com a nova educação popular que os SCFV junto a prefeitura estão buscando. Trabalham mais no conceito de convivência e partilha para o desenvolvimento de um projeto com qualidade. A coordenadora do SCFV indagaram que se espelham na escola da ponte como uma realidade muito distante, mais um sonho possível. Buscam trabalhar a aproximação das crianças com o despertar do conhecimento.

Autoconhecimento e Trocas de experiências é o que define toda a caminhada desta pesquisa. Foi possível despertar o poder em cada realidade vivida. A cada roda de conversa, a cada palavra, a cada abraço e principalmente a cada sorriso eu me descobri. A especialização em Questão Social e este estudo permitiu ampliação dos meus conhecimentos, com o outro e comigo mesmo.

Para aqueles que tem a oportunidade de viver um espaço de educação popular ou um projeto de convivência, a transformação social é indiscutível. Uma vez que sua realidade é levada em consideração. E esta discussão não tem um ponto final, e sim sempre o complemento das trocas de experiência e conhecimento.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa eu senti... Senti a necessidade de me sentir viva. A cada dia pesquisando, analisando e observando, eu me questionava mais. Até mesmo questioneei se o trabalho já estaria concluído. Pude avaliar que este trabalho nunca será finalizado, pois ele sempre poderá ser complementado, pela graciosa importância de estudar e observar a realidade humana e social do ser humano.

Foi a partir deste estudo que comecei a encarar meus medos, percebi que eu sonhava muito e vivia pouco. Eu me decepcionei comigo e acordei, me reconstruí dia a dia conforme este estudo foi se desenvolvendo nos últimos dois anos. Demorei para compreender e entender o que representava minha vida. Eu criei uma fantasia de como minha vida teria que ser, e esqueci de viver minhas fantasias. Entendi que eu não precisava seguir as regras familiares (conservadora) e que muito menos eu precisava me programar para viver, pois existe um tempo premeditado para entender a trocas de experiências e de conhecimento.

Diante deste estudo, entendi que o Serviço de Convivência tem a intervenção que se caracteriza por um conjunto de ações fortalecedoras podendo prevenir a violação de direitos evitando o agravamento de vulnerabilidades. Cientes desta realidade partindo para grandes possibilidades de realizar uma intervenção que dinamize uma atuação mais eficaz e que os familiares possam ser compreendidos em sua totalidade, tratando-os com respeito e humanização.

Para tanto, deve promover a socialização infantil, na qual a criança aprende a desenvolver seus valores e a canalizar seus afetos, avaliando e selecionando suas relações. No ambiente familiar, a criança aprende a administrar e resolver os conflitos, a controlar as emoções, a expressar os diferentes sentimentos que constituem as relações interpessoais, a lidar com as diversidades e adversidades da vida. Através dessa relação é que se desenvolve a cultura familiar, como um conjunto próprio de símbolos, significados, saberes e práticas que se define a partir das relações internas e externas à família, e que determina seu modo de funcionamento interno e a maneira como a família desenvolve suas experiências e interações com o mundo externo.

Essas experiências caracterizam-se pelas ações e interações presentes no núcleo familiar e direcionado a cada um de seus membros com o intuito de alimentar e fortalecer seu crescimento, desenvolvimento, saúde e bem-estar. É também considerada a primeira instituição social que, em conjunto com outras, busca assegurar a continuidade e o bem-estar dos seus membros e da coletividade. A importância da família no desenvolvimento de cada um dos seus membros depende em grande parte, de sua organização social, política e econômica para exercer suas funções, sendo esta a instituição responsável pela integração da criança no mundo adulto.

O Estado e a sociedade em geral pode criar e reproduzir um ambiente possível de construção de identidade, de pertença e direitos garantido, são capazes de promover e assegurar, plenamente, a proteção à criança e ao adolescente no Brasil. Importante pontuar esta questão, porque assim é visível que existe saída para aquelas famílias desamparadas, existe um caminho bom para estruturar uma família com direito violado ou prevenção dos direitos sociais das famílias. Dando suporte e subsídio para esta construção.

O processo educativo formal deveria proporcionar a criança seu desenvolvimento integral, porém entende-se que o processo de educação não se limita ao espaço escolar. Os serviços de convivência vêm a contribuir no processo de formação e desenvolvimento. Essa oferta de atividade de convivência e socialização com intervenções no contexto de vulnerabilidades sociais, preveni situações de exclusão e risco social e fortalece vínculos. São ações que podem contribuir para a melhoria no desenvolvimento acadêmico, qualidade de vida, na construção de relações efetivas saudáveis e a reconhecer-se como sujeito ativo e participativo dentro do seu grupo social. Ou seja, as ações dos serviços de convivência concretizam a educação integral e se dão por meio do entrelaçamento da educação com a proteção social básica.

A Constituição da República Federativa do Brasil assegura uma ampla participação e controle da sociedade no desenvolvimento das políticas públicas, principalmente com o surgimento do Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA). Inicia-se um movimento amplo, envolvendo todos os atores sociais, no sentido de se trabalhar em rede, de forma sistemática, integrada e em parceria, em prol dos interesses de crianças e

adolescentes. Intensificou-se, então, a forma de intervenção social em rede na busca da promoção e restituição do direito violado.

Esta pesquisa trouxe um crescimento pessoal, e o iniciou desta trajetória se deu a partir dos meus próprios questionamentos instigados pelas mediações do Valdo e da Lenir, lutei contra a minha própria resistência, e estou em reconstrução diária. Vivenciei muitas trocas de experiências e vivências. Entendi que toda pergunta cria outra pergunta e estimula a crescer para atuação profissional e pessoal. A esperança é, que eu vou continuar perguntando sempre.

## 6. REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

\_\_\_\_\_. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: DOU, 1990.

BRASIL. **Constituição federal**. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. **Estatuto da criança e do Adolescente**. Brasília, DF, 1990.

BRASIL. **Estatuto da Criança e o Adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990.

BRASIL. Política Nacional de Assistência Social. **Ministério do desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social**. Brasília, novembro de 2008.

CARVALHO, M.C.B de Azevedo, M.J. **Ações socioeducativas no âmbito das políticas públicas**. In: CENPEC. Avaliação: construindo parâmetros das ações socioeducativas, São Paulo: Cenpc.

CADERNO DE PERGUNTAS FREQUENTES. Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) Brasília, 18 de dezembro de 2015.

Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda). Acessado pelo site: <http://www.sdh.gov.br/>.

DOCUMENTO ORIENTADOR / PADRÕES DE QUALIDADE. Proteção Social Básica. Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para criança e adolescentes de 06 a 17 anos. FAS/Curitba. Novembro 2013.

<http://www.apaesp.org.br/sobreadeficienciaintelectual/paginas/o-que-e.aspx> / visualizado dia 02/09/2016 as 14:45h.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. Secretaria Nacional de Assistência Social – SNAS. Departamento de Proteção Social Básica. Acessado pelo site: [http://www.ipc-undp.org/doc\\_africa\\_brazil/Webpage/missao/programas/SNAS.pdf](http://www.ipc-undp.org/doc_africa_brazil/Webpage/missao/programas/SNAS.pdf).

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.069/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/1990);

\_\_\_\_\_. LOAS – Lei nº 8.742/93; Política Nacional de Assistência Social (PNAS);

\_\_\_\_\_. Norma Operacional Básica da Assistência Social (NOB/SUAS).

MARTINELLI, M. L. Serviço Social: identidade e alienação. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. (Org.). Pesquisa qualitativa: um instigante desafio. São Paulo: Veras, 1999.

MORIN, Edgar. **Ensinar a Viver: Manifesto para mudar a Educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

**Norma Operacional Básica de Recursos Humanos – NOBRH/SUAS**. Ministério Do Desenvolvimento Social E Combate À Fome Conselho Nacional De Assistência Social. Brasília, 2009.

**PARAMETROS SOCIOEDUCATIVOS**: Proteção social para crianças, adolescentes e jovens – igualdade como direito, diferença como riqueza – conceitos e políticas – Caderno 2. CENPEC- 2007.

RODRIGUES, Aroldo. **Aplicações da Psicologia Social**: a escola; a clínica; as organizações e as ações comunitárias- Petrópolis: Vozes, 1981.

SIMÕES, Thiago Felipe Vargas. **“A FAMÍLIA AFETIVA — O AFETO COMO FORMADOR DE FAMÍLIA”**. Espírito Santo/ES.

Sistema Único De Assistência Social – SUAS. **Norma Operacional Básica NOB/SUAS**. Construindo as Bases Para a Implantação do Sistema Único de Assistência Social. Brasília. 2005.

SPOSATI, A. Elementos sobre a evolução histórica do planejamento nos seus aspectos sociais, filosóficos, econômico e políticos. Serviço Social & Sociedade (São Paulo), ano I, n.2, p.7-21, mar. 1980.

\_\_\_\_\_. A assistência social no Brasil – 1983-1990. São Paulo: Cortez, 1991.

\_\_\_\_\_. A menina Loas: um processo de construção da assistência social. São Paulo: Cortez, 2006.

**TIPIFICAÇÃO NACIONAL DE SERVIÇOS SOCIOASSISTENCIAIS** – Texto da Resolução nº109, de 11 de novembro de 2009. Publicada no Diário Oficial da União em 25 de novembro de 2009.